

Dos montes, das pedras e das águas

Formas de interacção com o espaço natural da pré-história à actualidade

ANA M. S. BETTENCOURT
LARA BACELAR ALVES

(Eds.)



Dos montes, das pedras e das águas
Formas de interacção com o espaço
natural da pré-história à actualidade

*Hills, stones and waters. On the human interaction
with natural spaces from Prehistory to the Present*

ANA M. S. BETTENCOURT
LARA BACELAR ALVES
(Eds.)

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSVERSAL
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA
Grupo Paisagens, Fronteiras e Poderes



TÍTULO
DOS MONTES, DAS PEDRAS E DAS ÁGUAS.
Formas de interação com o espaço natural da pré-história à actualidade

EDS.
Ana M.S. Bettencourt e Lara Bacelar Alves

EDIÇÃO
CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»
APEQ – Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário

FOTOGRAFIA DA CAPA
Monte Farinha ou da Senhora da Graça, Mondim de Basto (fot. de Ana M.S. Bettencourt)

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Candeias Artes Gráficas

TIRAGEM
200 Exemplares

DEPÓSITO LEGAL
310091/10

ISBN
978-989-8351-02-9

Dezembro 2009

Índice

Contents

- 5 Prefácio
Foreword
Richard BRADLEY
- 7 Dos Montes, das pedras e das águas. Uma introdução
Hills, stones and waters. An introduction
Ana M.S. BETTENCOURT
- 11 As pinturas esquemático-simbólicas do Forno da Velha (Lagoa, Macedo de Cavaleiros):
um diálogo entre a arqueologia e a geologia
*The schematic symbolic paintings of Forno da Velha (Lagoa, Macedo de Cavaleiros): a
dialogue between archeology and geology*
Sofia FIGUEIREDO & António Martinho BAPTISTA
- 25 Estratégias de identificação e recursos geológicos: o anfíbolito e a necrópole da
Sobreira de Cima, Vidigueira
*Strategies of identification and geological resources: the amphibolite and the necropolis of
Sobreira de Cima, Vidigueira*
António Carlos VALERA
- 37 Rochas e metais na Pré-história para além da físico-química
Rocks and metal in Prehistory beyond physics and chemistry
Lara Bacelar ALVES & Beatriz COMENDADOR REY
- 55 O Monte da Penha, Guimarães, como cenário de acções de incorporação e de
comemoração do espaço na Pré-história da bacia do Ave
*The Mount Penha (Guimarães). A scenery of incorporation and commemoration of space in
the Prehistory of the Ave basin*
Hugo Aluai SAMPAIO, Ana M.S. BETTENCOURT & Maria Isabel Caetano ALVES
- 77 O monte Farinha ou da Senhora da Graça, Mondim de Basto: interpretações para a
biografia de um “lugar”
*The Mount Farinha/Senhora da Graça, Mondim de Basto: interpretations for the biography
of a “place”*
António Pereira DINIS

- 95 Do espaço vivido ao espaço imaginado. Aproximações interdisciplinares à antropização dos planaltos da Freita (Arouca) do 3.º ao 1.º milénios a.C.
From lived to imagined space. Interdisciplinary approaches to the anthropization of the Freita plateau (Arouca) between the 3rd and the 1st millennia BC
António Manuel S.P. SILVA, Joana N. LEITE & Daniela ROCHA
- 131 Entre os montes e as águas: ensaio sobre a percepção dos limites na Pré-história da faixa costeira entre o Minho e o Lima (NW português)
Between hills and waters: essay on the perception of the limits in Prehistory in the coastal area between the Minho and Lima rivers (Northwestern Portugal)
Ana M.S. BETTENCOURT
- 163 La Carisa y La Mesa: dos vías romanas de alta montaña en el *Conventus Asturum*
La Carisa and La Mesa: two roman roads on the high mountain of the Conventus Asturum
Jorge CAMINO MAYOR, Yolanda VINIEGRA PACHECO, Rogelio ESTRADA GARCÍA, Montserrat JIMÉNEZ SÁNCHEZ, José Antonio SUÁREZ GARCÍA, Pelayo GONZÁLEZ-PUMARIEGA, Ramón ARGÜELLES FRAGA & Ángel F. ORTEGA
- 177 Nomes e grafismos dos litorais e fundos de pesca no estuário do rio Tejo e nos mares do Norte, Portugal
Names and sketches at the offshore and fishing grounds in the estuary of the river Tagus and in the North Seas, Portugal
Luís MARTINS
- 191 Espaço, construção do mundo e suas representações
Space, world construction and its representations
Álvaro CAMPELO

Foreword

Richard Bradley*

Archaeology suffers from an identity crisis in relation to other disciplines, but, as so often happens, the problem arises from the history of the subject.

Archaeology is the study of human beings in the past. It is chiefly concerned with those parts of life which are poorly documented in other sources and yet it has similar objectives to history. It emerged as a distinctive study at a time when scholars came to recognise that our species had existed long before the first records were made. It also developed as geologists and environmental scientists became increasingly adept at explaining how the landscape had been made. Rock formations were no longer mistaken for ancient architecture; flaked stone could be distinguished from natural features; and it became possible to tell the difference between earthwork monuments and geological formations. Archaeology achieved its distinctive identity once it was confined to the study of human culture. Those elements that were no longer accepted as antiquities were studied by separate disciplines.

Tensions first arose with the development of “archaeological science”, for in many cases it saw the introduction of methods developed in other fields to a study of ancient artefacts. That was perfectly proper: a scientist studying the composition of stone axes should use the laboratory methods of the geologist. But problems arose when this procedure was considered to be sufficient in itself, and still greater tensions developed when the research methods of the natural sciences were applied to the behaviour of people in the past. Researchers found it difficult to communicate with one another.

In each case there was a similar difficulty to overcome. Archaeologists defined themselves as students of human culture and did so by distinguishing cultural creations from the works of nature. Thus they limited themselves to the analysis of *antiquities*. Similarly, archaeological scientists undertook their work using principles that were most suited to documenting the physical characteristics of ancient things.

* Department of Archaeology, University of Reading.

Their methodology could not accommodate the variations that resulted from human agency.

How can these problems be resolved? One way is by mounting a critique of scientific method and by questioning the philosophical basis of the distinction between nature and culture. Is it a particular feature of modern Western society, and would it have been of any significance before the Enlightenment? The other, more creative method is by loosening the bounds of archaeology itself, so that the subject is no longer limited to those features that were altered by human activity – it can study rock outcrops as well as rock carvings; rivers as well as the artefacts deposited in them. That approach takes some of its inspiration from documentary history, but more from ethnography and folklore.

This is the stance adopted by contributors to this volume. The formation of mountains, rocks and water can be explained by scientific techniques whose value is indisputable, but the ability to do so is a relatively recent development. How did their presence in the landscape influence the people who lived among them, and observed their changing configurations from year to year? They would have had a “pre-scientific” understanding of the world, and that is something worth investigating. It is a topic that has been neglected by most archaeologists in the past and one which deserves increasing attention now.

The papers in this collection open a series of new perspectives and suggest a fresh agenda for research. More than that, they offer subtle analyses of unfamiliar material which can act as a source of inspiration for scholars working in other areas. That is why the publication of the book is so timely and also so welcome.

Dos montes, das pedras e das águas. Uma introdução

Hills, stones and waters. An introduction

Ana M.S. Bettencourt*

Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à actualidade é um livro que resulta de três vontades: a de pôr um grupo de investigadores das áreas da arqueologia, da antropologia e das ciências da terra a pensar no modo como as comunidades tradicionais interagiram com o espaço; a de reflectirmos sobre as ferramentas metodológicas existentes para interpretarmos a forma como essa percepção se operou e a de dar voz a algumas comunicações apresentadas no âmbito da sessão “A Arqueologia dos Espaços Naturais”, realizada no âmbito o “IV Congresso Nacional de Geomorfologia”, em 16 de Outubro de 2008, em Braga.

Esta sessão, que teve como orador convidado Richard Bradley, o mesmo autor do prefácio deste livro, tinha por base a premissa de que o espaço não se perspectiva como algo estático, nem como mero suporte das acções económicas, mas sim como uma realidade actuante inseparável das populações que o habitam, sendo continuamente produzido ou percebido através dos sentidos. Deste modo, espaço é entendido não como mero elemento natural mas sim como construção cultural e social onde os montes, os outeiros, as vertentes, os planaltos, os vales, as rochas, as fendas, os abrigos, as grutas, as nascentes, as cascatas, os rios, os lagos, os lameiros, os sons, os ecos, os movimentos dos céus e das águas, os fenómenos meteorológicos, entre outros, são experienciados, vivenciados, explicados e percebidos pelas comunidades e, simultaneamente, intervenientes na estruturação do seu universo cognitivo.

O conjunto de 10 artigos aqui publicados onde participam arqueólogos, antropólogos e geólogos espelham e abordam estas problemáticas, numa diversidade metodológica e temática e numa transversalidade cronológica, enriquecedora e pertinente para quem procura corredores de diálogo para interpretar a História.

* Departamento de História da Universidade do Minho. Investigadora do CITCEM/UM. ana-bett@uaum.uminho.pt

Destacamos o trabalho de Álvaro Campelo pela abordagem teórica aos conceitos de espaço, de lugar e de território tendo o autor exemplificado a sua concepção dinâmica de espaço e de “espaço praticado” a partir de dois casos de estudo. O primeiro, relaciona-se com a dimensão religiosa onde se unem simbolicamente diversos cenários de acção – o vale do Vizela e o Monte da Penha, ambos rurais, e o vale do Ave, citadino. O segundo decorre no Monte da Padela, em Ponte de Lima e pretende demonstrar como os pastores, ao “praticarem” um determinado espaço, se apropriam dele e o dominam ou percebem cognitivamente, numa teia de inter-relações entre as acções e os seus sentidos.

O texto de Luís Martins também traduz um concepção dinâmica do espaço ao referir o modo como a percepção deste se altera nas comunidades de pescadores, antes e depois da introdução de instrumentos electrónicos de navegação e de detecção de pesqueiros, provocando estes últimos “uma paisagem menos naturalizada”.

Ainda na perspectiva do espaço como uma realidade socio-cultural encontram-se os textos de António C. Valera, Lara B. Alves e Beatriz Comendador Rey, Ana M.S. Bettencourt, António P. Dinis; Hugo A. Sampaio *et al.* e António M.S.P. Silva *et al.*

Embora baseados em estudos de caso diversificados e a diferentes escalas de análise, todos estes autores reflectem sobre os modos como se materializa a interacção entre os elementos “naturais” e as comunidades e de que forma esses elementos se projectam no pensamento e na acção humana e de como são por eles projectados.

No caso de António C. Valera dá-se especial relevância às propriedades do anfíbolito, matéria actuante nas relações sociais e na construção da identidade do Neolítico da Vidigueira, Beja, no quadro de um pensamento animista. O texto de Lara B. Alves e de Beatriz Comendador Rey valoriza a relação simbólica existente entre determinadas rochas e artefactos metálicos na Pré-história do Noroeste da Península Ibérica, a partir da inter-relação entre depósitos metálicos e os seus locais de deposição ou de representação gráfica, partindo do princípio de que a “matéria natural” é interveniente na construção do universo ideológico das comunidades. Como ferramenta metodológica destacam, para além dos dados arqueológicos, os dados históricos e etnográficos.

Ana M.S. Bettencourt centra o seu estudo entre a foz do rio Lima e a foz do Minho considerando que os lugares liminares entre a terra, as águas fluviais, o mar e o céu, são agentes profundamente activos na construção e percepção do mundo. As gravuras rupestres, os depósitos metálicos e as manifestações de religiosidade de épocas históricas seriam a materialização de diferentes formas, em distintas temporalidades, de ordenar e incorporar, em termos simbólicos, este tipo de lugares.

António P. Dinis e Hugo A. Sampaio *et al.* valorizam dois grandes acidentes geomorfológicos, os Montes Farinha/Senhora da Graça, em Mondim de Basto, e o da Penha, em Guimarães, respectivamente, como elementos de especial relevância no universo cognitivo das comunidades da Pré-história Recente e da Proto-história

locais. Para António Dinis as gravuras rupestres que se distribuem pelo Monte Farinha resultam da “experiência” deste lugar por parte de populações que, desde o Neo-Calcolítico até à Idade do Ferro, o frequentaram e da materialização dos sentidos, das “estórias” e do valor simbólico que este monte foi tendo na longa duração. O autor trabalha, também, com as edificações e documentos de época moderna, a toponímia, as lendas e os costumes para evidenciar de que forma este acidente geomorfológico, as suas geoformas e fontes permaneceram simbolicamente activas até à actualidade.

Hugo A. Sampaio *et al.* valorizam as “propriedades” do Monte da Penha, assim como das suas geoformas, dos sons e dos ecos por elas possibilitados, e das nascentes, interpretando as deposições de artefactos de cobre, de bronze, de ouro, de cerâmica e de pedra aí ocorridos como detentores de um papel activo nas práticas sociais e resultantes de acções de incorporação e de comemoração deste espaço, durante o Calcolítico e a Idade do Bronze. Referem, ainda, que este lugar se mantém activo até hoje, embora no quadro de uma concepção cristã do mundo.

António M.S.P. Silva *et al.* centram o seu trabalho na Serra da Freita, Arouca, considerando-a um cenário actuante onde os elementos geomorfológicos e geológicos, em interacção com monumentos funerários, menires e gravuras rupestres, teriam tido um papel activo na criação das cosmogonias das comunidades da Pré-história regional.

O espaço como realidade pré-existente é a concepção subjacente aos textos de Sofia Figueiredo e de António M. Baptista, assim como de Jorge Camiño *et al.* Os dois primeiros autores consideram que a localização das pinturas esquemáticas do Abrigo do Forno da Velha, em Macedo de Cavaleiros, se deverá relacionar com formas de controle ou de apropriação dos recursos aquíferos e animais, por parte de uma ou de várias comunidades que teriam existido na região durante o Tardo-Neolítico. Defendem, igualmente, que os motivos gravados traduzirão um “carácter sagrado e regulador de forças externas às comunidades”. Os segundos, focam o papel de determinadas características topográficas e geomorfológicas, entre outras ferramentas, para a detecção e conhecimento das vias de comunicação romanas no *Conventus Asturum*. No entanto, reconhecem que a altitude, o inóspito, algumas formações orográficas, as tempestades existentes nas zonas mais elevadas, tal como as próprias vias, deverão estar imbuídas de significados simbólicos “materializados”, tanto na toponímia, como em inscrições a divindades do panteão romano, gravações de cruces e edificação de ermidas e capelas.

Por fim, este livro não é uma obra acabada mas um começo. Um início do que queremos aprofundar: o modo como os actuais conceitos de “paisagem”, de “espaço” e de “lugar”, profundamente enraizados nas abordagens anglo-saxónicas da arqueologia desde os anos 1990, inspiraram ou não a forma de olhar o passado na Arqueologia do ocidente da Península Ibérica.